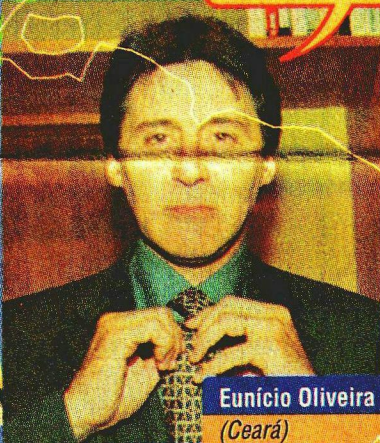


## Sotaques regionais

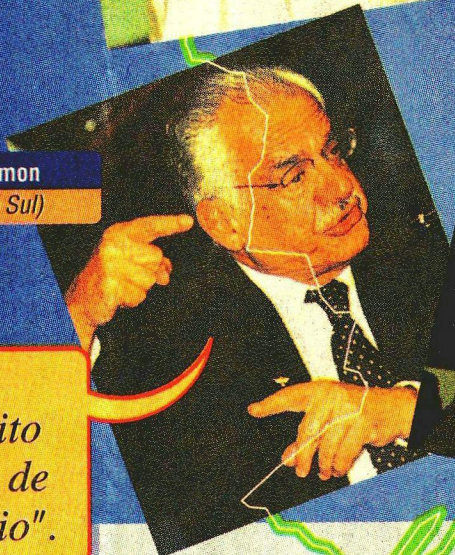
"Na Amazônia, quem é pobre pode pegar um tambaqui, um jaraqui, um pirarucu, um mandi".



Marina Silva  
(Acre)



Eunício Oliveira  
(Ceará)



Pedro Simon  
(R. G. do Sul)



Pedro Valadares  
(Sergipe)

"Na Bíblia, chamava-me muito atenção a figura de Pedro, meu tocaio".

"Esses deputados têm que deixar de gabolice e dar um refrigerio para a população".

### DICIONÁRIO DO CONGRESSO

- **Agasalhar:** ser homossexual (no Nordeste)
- **Arrequeira:** brigona
- **Bullr:** mexer
- **Culhuda:** mentira
- **Deflorete:** uma "ajudinha", um "dinheirinho"

- **Em banda de lata:** em grande quantidade
- **Enfariado:** entendido
- **Estrebuchar:** agitar-se, debater-se com violência
- **Fogo de monturo:** agir nos bastidores, sem fazer alarde
- **Funaré:** barulho

- **Gabolice:** arrogância
- **Mangar:** fazer troca
- **Mouco:** surdo
- **Munganga:** besteira
- **Refrigerio:** alívio
- **Rodear a maçaranduba:** buscar

outra alternativa

- **Segurar a macaxeira:** ser firme em seu propósito
- **Tá rebocado:** tá danado, segundo os nortistas
- **Torô:** quebrou
- **Urupemba:** peneira

## Câmara adotou os manuais de regionalismo

FERNANDA MELAZO

BRASÍLIA – "Como se diz lá na minha terra..." é uma expressão que, no Congresso Nacional, já virou lugar comum. Em quase todas as sessões, os parlamentares fazem questão de incluir nos discursos termos regionais para reforçar argumentos e tentar convencer seus colegas pelo ineditismo. Ou até mesmo chamar a atenção pela graça.

Hoje, o uso de expressões regionais no Congresso é generalizado. Tanto que o Departamento de Taquigrafia da Câmara dos Deputados já incluiu em seu material de trabalho, além do dicionário de língua portuguesa, os manuais de regionalismos.

"A gente tenta se cercar por todos os lados", diz a coordenadora de registros taqui-

gráficos, Vera Cecília Dantas, ao lado de uma pilha de dicionários regionais como o Dicionário de Baianês, de Nivaldo Lariú, e o Dicionário de Expressões Gaúchas.

**Peixe vivo** – No Congresso, o recurso ao regionalismo é tanto maior quanto mais localizado o assunto for. A deputada Maria Elvira (PMDB-MG) serve de exemplo. Mineiríssima, Maria Elvira chegou a cantar diante do microfone uma música típica do estado que empolgou todo o plenário.

Na ocasião, em 1997, a Câmara votava um projeto para incluir o Vale do Jequitinhonha mineiro na área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste. Ao encaminhar a votação, Maria Elvira cantou *Como pode um peixe vivo, viver fora da água fria*. A música empolgou deputados e galerias, lotadas de mineiros.

Apesar da atitude ferir o regimento da Câmara, o presidente da Casa, Michel Temer (PMDB-SP), permitiu a cantoria. Deu certo. O projeto foi aprovado. "Quis fazer um encaminamento diferente, que emocionasse. Foi muito bom", disse a deputada.

Mas, a tribuna não é o único lugar onde a

tradição aflora. Em certas ocasiões, alguns parlamentares nem precisam passar da primeira frase para denunciar de onde são: "Deputado Albérico Cordeiro!", chama a jornalista. "Quié mulhé?", responde bem humorado o deputado alagoano, do PTB.

E as piadas entre os parlamentares envolvendo as expressões regionais? O vice-líder do PMDB, deputado cearense Eunício Oliveira conversava com seus colegas: "Já pensou se um cearense assalta um paulista? Arriba os braços, não se bula (mexa) e não faça munganga (besteira), senão eu lhe prego fogo (atiro). E aí, tu vai ficar que nem uma urupemba (peneira)", encenou. "Não entendi", diria o paulista. "Arri égua, macho. Tu é mouco (surdo)".

Em outras ocasiões, o uso de expressões regionais descontrai. Numa sessão tensa da Comissão de Constituição e Justiça, o deputado Ronaldo César Coelho (PSDB-RJ), que preside a comissão, provocou risadas ao dizer que "agasalhava" uma questão de ordem. Os nordestinos usam a expressão para se referir a homossexuais. "Fulano agasalha", dizem.